BALANÇO DA PRODUÇÃO

MILHO E SOJA COM AS MAIORES ALTAS

RAFAEL RIBEIRO DE LIMA FILHO
Zootecnista da Scot Consultoria

ALEX SANTOS LOPES DA SILVA
Zootecnista da Scot Consultoria

GUSTAVO ADOLPHO MARANHÃO AGUIAR
Zootecnista da Scot Consultoria

NO BALANÇO do primeiro semestre de 2016, os grãos brilharam dentre os principais produtos agrícolas e pecuários. O milho teve a maior valorização no mercado brasileiro. Foi um resultado inusitado. Considerando a região de Campinas, em São Paulo, o preço da saca de 60 quilos subiu 91,8%, frente ao mesmo período do ano passado. Logo na sequência, apareceu a soja, com alta de 25,2% no semestre.

Além de pesarem nos custos de produção da pecuária, o milho e a soja valorizados puxaram para cima os preços dos alimentos alternativos, como o sorgo e a polpa cítrica, entre os energéticos, e o farelo e o caroço de algodão, entre as fontes proteicas.

MILHO

A menor disponibilidade na temporada 2015/16 foi o principal motivo da alta de preços do cereal no mercado interno. As causas foram as exportações brasileiras aquecidas a partir do segundo semestre do ano passado e a menor produção na primeira e na segunda safras.

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) estima que, ao final da safra 2015/16, os estoques no Brasil sejam de 4,47 milhões de toneladas de milho, frente aos 10,51 milhões de toneladas estocadas na safra passada. O estoque atual é o menor desde 2011/12.

Desde o final do primeiro semestre, a pressão de alta perdeu força no mercado interno, com o avanço da colheita da segunda safra no País. Do lado comprador, também diminuiu a pressão. Para o curto e o médio prazos, espera-se o desaquecimento do mercado, mas o patamar médio de preço em 2016 deverá ficar bem acima do registrado em 2015.

SOJA

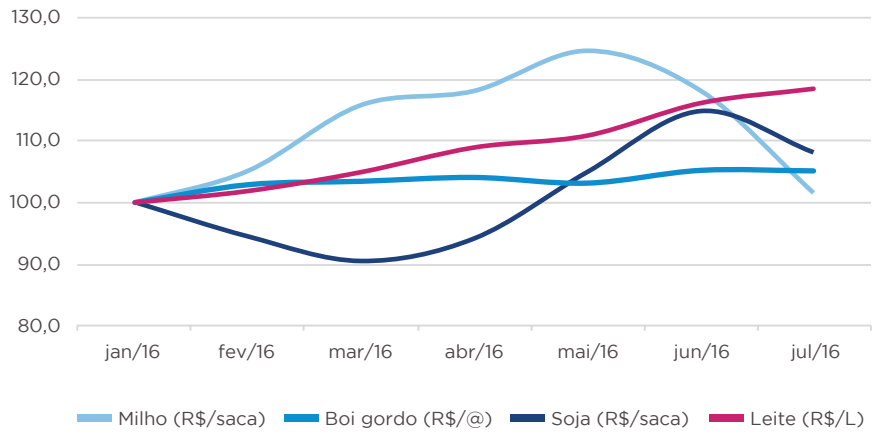
As revisões para baixo da produção na América do Sul (2015/16) e a demanda mundial firme tanto por soja grão como por farelo de soja deram sus-

PREÇOS MÉDIOS DOS PRODUTOS AGRÍCOLAS E PECUÁRIOS À VISTA NO PRIMEIRO SEMESTRE

PRODUTOS	Unidade	2015	2016	Var. (%)
Milho grão[1]	R$/saca	24,47	46,94	91,8%
Soja grão[2]	R$/saca	66,33	83,06	25,2%
Boi gordo[3]	R$/@	147,13	154,60	5,1%
Leite[4]	R$/L	0,91	1,03	12,9%

1 Campinas-SP; 2 Paranaguá-PR; 3 Barretos-SP; 4 Média nacional
Fonte: Scot Consultoria

VARIAÇÕES MENSAIS DOS PREÇOS DE MILHO, SOJA, BOI GORDO E LEITE NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2016
(BASE 100 = JANEIRO DE 2016)



Fonte: Scot Consultoria

tentação às cotações na primeira metade do ano. O dólar em alta ao longo do primeiro semestre – e que, a partir de junho, recuou em relação ao real – colaborou para a valorização dos preços em reais.

Para os próximos meses, a demanda mundial e as questões climáticas, com seus impactos no desenvolvimento da safra norte-americana, devem ditar o rumo do mercado. Do lado da oferta, a disponibilidade está pequena, tanto nos Estados Unidos, que estão com as lavouras em desenvolvimento, como no Brasil, que se prepara para o plantio da safra seguinte. Esse é um fator limitante para quedas nos preços.

BOI GORDO

A baixa disponibilidade de boiadas, com a consequente dificuldade de alongamento das escalas de abate dos frigoríficos, vem sendo o principal fator que colabora com a sustentação do mercado. Isso ainda é consequência da elevada participação de fêmeas nos abates de 2011 a 2013. Por outro lado, a situação econômica vigente no País vem sendo um fator limitante para a valorização dos preços da carne ao consumidor.

Com a alta da arroba do boi gordo e a queda no preço da carne, a margem de comercialização dos frigoríficos permaneceu, a maior parte do tempo do primeiro semestre, abaixo da média histórica. A margem de 12,3%, dos frigoríficos que desossam, está 8% abaixo da média histórica, que gira em torno de 20,5%. Para a indústria que vende a carne com osso, a situação está pior: a margem está em 2,9%, ou 12% abaixo da média. A oferta de bovinos terminados deverá continuar baixa, sustentando o preço da arroba neste segundo semestre.

LEITE

A produção nacional em queda e a forte concorrência entre os laticínios foram os principais fatores de alta do preço do leite ao produtor no primeiro semestre de 2016. Esse quadro é resultado do menor investimento por parte do produtor na atividade, por causa dos altos custos de produção e da redução das margens da atividade desde meados de 2015. Problemas climáticos em algumas regiões produtoras agravaram o cenário de queda da produção neste ano.

A preocupação, no segundo semestre, é com relação à retomada da produção a partir do bimestre setembro-outubro, que deve pressionar os preços ao produtor para baixo. Pelo lado dos custos de produção, espera-se um alívio para a alimentação concentrada, mas ainda com os insumos cotados em patamares acima dos do ano passado. As margens para o produtor de leite devem seguir apertadas. As importações brasileiras de lácteos em alta também preocupam, já que os produtos importados competem diretamente com os nacionais. ■